

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Typographia de Paula Brito** — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 5000 rs. por seis mezes para a côrte; e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados. Na. avulsos, 120 r.

A MARMOTA.

O LADRÃO ROUBADO

(Narração Historica).

POR TH. MIDY.

Era uma noite do anno passado; meu filho e minha nora tinham-me instituido guarda da casa em companhia da Stella, Gustavo e Maria, tres netos meus.

Uma vez ausentes os pais, os tres trinquas fizeram-se comprehender com um olhar; a pequena Maria deitou lenha ao fogo e soprou; Stella tomou a lampada das mãos da creada, e colocou-a sobre a chaminé, tendo cuidado em voltal-a de maneira, que seus raios não me pudessem fadigar os olhos; em quanto Gustavo, rolando para junto do lar uma grande poltrona estufada, disse-me:

— Meu bom papá; de certo que estás bem assim, rodeado de todos nós, e que por paga nos contarás uma d'essas bellas historias de que sabes tantas?

— Oh! disse Maria, uma como a ultima, ou mesmo essa, se quizeses, fica sabendo que não me cansarei nunca em ouvi-la.

— Ora e-sa, retorquiu Gustavo, sempre é uma bella idêal! Fazer com que papá repita a mesma cousa! Para aborrecer-o, não é? Nada, nada; nós o que queremos é uma historia nova.

FOLHETIM.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL.

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA
E SOUSA.

(Principiou no n. 1063. Continuação do n. 1086.)

(O doctor neste logar fez uma parada, tirou a buçeta, e tomou uma pitada. Laura fazia-se de mil côres ouvindo esta narração tão analoga á sua historia; sua alma experimentava neste momento os mais terríveis tormentos do inferno! mas a necessidade a obrigava a escutar. O doctor continuou sua historia):

Houve uma noite, em que esta mulher, a pedido do seu amante, teve a bondade de

— De certo, disse rindo Stella, ao meos goza-se da surpresa.

— Vejamos, disse-lhes eu coçando a orelha, querem uma historia acontecida com o Rei da Prussia?

— Ah! exclamou Gustavo, se quizeses escolher uma outra cousa?

— Quanto a mim, exclamou Maria batendo nas mãos, eu bem sei de que precisamos: uma historia de ladrões verdadeira e interessante que nós faça rir e não nos faça medo; cim, bom papá, que dizes disto?

Ouvindo Maria, tive uma recordação.

— Acertei com a cousa, disse-lhes eu. Vão todos ficar contentes; ouçam-me. Todos se calaram e tendo lançado um olhar de satisfação aos meus ouvintes comecei assim:

— Na aldeã de Mendon, perto da Issy, havia, ha bom tempo, um convento de monges pedintes. Eram pela maior parte dignos capuchinhos de humilde coração, resando a Deos, fazendo voto de pobreza e muntidos de esmolas apenas, apesar do que, achavam meio de pôr em pratica a caridade, fazendo esmolas, a este, de um pouco de sopa; áquelle, de um bom pedaço de pão; áquelle outro, de um abrigo, si delle havia mister, ás vezes mesmo de algumas moedas que tiravam das suas sacolas para ajudar os mais miseraveis.

Por uma fria manhã do mez de Fevereiro de 1767, frei Benedicto partia de seu convento, para ir esmolar como de costume. Sico ás costas, bordão na mão, bem envolvido em seu capuz, de maneira a livrar-se do vento frio que soprava — eil-o que vai es-

contar-lhe a sua historia: já se vê, que durante tal narração, seu marido a-ouvia. O amante a-ouviu, e ou fosse horror, ou fingimento, o certo é que elle resolveu-se deixal-a entregue a si propria, e effectivamente o-fez nessa mesma noite, em que lhe-ouviu tinha a sua funesta historia.

Esta mulher de sangue determinado logo acabar com este amante: ella achal-a malvado, que, pelo premio do seu amor, accieita esta mortal commissão, e poucos momentos depois que seu amante a abandonara, ferido de um tiro, deixa de viver uma vida de fogo, de sangue, de veneno, de mortes, de crimes, e de adulterio emfim!... No momento porém em que este malleitor cabe espirante, um desconhecido lhe-aberta a mão dizendo pouco mais ou menos: — Deos te-perdoe. — Já se-vê que este desconhecido era o supposto morto. Poucos minutos depois esta mulher e seu novo amante, contando ambos mais um crime, ouviram sobre a janella do quarto em que estavam, um como arranhar pelo lado de fóra, signal, que costumava dar o primeiro amante quando ia fallar-lhe: ella

trada fora — caminho de Fleury, linda aldeã nos arredores de Mendon.

Por ali devia elle começar o seu dia, depois continuando seu caminho iria elle pedir de porta em porta, de aldeã em aldeã, até a hora de voltar, e até que farta estivesse a sacola.

Passava elle pela frente de uma pobre cubana situada nas orlas da mata na qual, apesar da pobreza da pessoa que lá morava colhia sempre uma pequena esmola, quando vio um espectáculo que lhe rasgou a alma e que não tinha grande necessidade de explicações. No centro da unica peça que servia de cosinha e do quarto de dormir á velha dona d'esse lugar, um grupo de viajantes expunha toda a sua miseria; compunha se de uma mulher ainda moça e de duas meninas que aqueciam suas doloridas mãos diante de um modesto fogo que parecia adormecer no lar. Estava a mãe por detraz das duas meninas, dobrada e curva para a terra, procurando ajustar com o auxilio de um barbante seus miseraveis sapatos, que ameaçavam deixal-a em caminho; perto d'ella estava um embrulho pequeno de mais suppol-oa uma fortuna dessa familia, mas muito pesado si se reflectisse que essa mãe tinha de arrastal-o pelos caminhos levando ao mesmo tempo o seu filhinho mais moço que ainda não andava.

— *Pax vobiscum*, disse o monge pedinte.

— Entrai, meu padre, e fechai a porta, disse a boa velha, que inteno é o frio o mesquinho o nosso fogo. Dizendo estas palavras, levantou-se e pegando em uma faca que estava sobre uma caixa, cortou a meta-

de aberta, e com espanto dos dous criminosos, o homem, que ha pouco fóra assassinado so-vê recostado á dita janella! Já se-vê que foi o supposto marido morto, que arranhou sobre ella; e que o mesmo, ajudado de seu fiel escravo, foi quem trouxe o corpo do morto para recostal-o á janella desse quarto de maldigões! Sim, que elle estava bem certo que os dous criminosos o-sepultariam, e seria sobre a sepultura d'esse adúltero execrando onde ella provaria á sua mulher todos os seus medonhos crimes! Parece que escripto estava que por causa desta mulher devia ainda correr mais sangue; e todavia, ella faz uma nova digressão, e um novo amante espera uma entrevista no fundo do seu jardim; ella não falta; e quando pensa correr aos braços do seu amado, acha-se entre as mãos mortíferas do matador do primeiro amante.

A desgraçada grita, pede soccorro, e um desconhecido apparece em seu favor. Já se-vê também que foi o mesmo supposto morto que ali appareceu em soccorro de sua mulher, cuja vida estava a ponto de perder

de da um pedaço de toucinho que pendia na chaminé.

— Tomai, disse ella, comereis de companhia, e vós rogai a Deos para que elle mande a esta pobre familia alguns soccorros, e boa viagem, porque eu por desgraça nossa não tenho a offerrecer-lhe senão a minha sopa hoje, e este abrigo até amanhã.

— Dizeis que não podeis nada, replicou a viajante com um ar penetrado, quando a vossa humanidade nos salvou a todos tres!

— Ides muito longe, disse o monge Benedicto deitando um olhar sobre o embrulho que lhe estava aos pés?

— Vou a Eumpes.

— E vindes?

— De uma pequena aldeia a seis leguas d'aqui

— E porque a deixastes? perguntou o frade com interesse.

— Não a deixei; mas em consequencia de um processo que me deixou meu marido ao morrer, acabam de me deitar fora da casa em que nascoram estas pobres meninas, e o pouco que eu possuia, foi vendido para pagar as nossas dividas e despezas do fóro.

— Resta-vos pois um refugio nesse lugar para onde ides? ajuntou o monge Benedicto com um tom, que mais pintava a benevolencia que a curiosidade.

— Vou a casa de um de meus irmãos, que não tem filhos, e cuja mulher sempre doentia tem necessidade de ser supprida nos arranjos domesticos. Desgraçadamente crescendo-me para ir para lá, nem suppuz que me faltaria com que pagar a diaria e...

— E com um tempo destes, e com duas crianças, puzeste-vos a caminho arriscadas a morrer de frio e de fadiga.

— Assim era preciso, disse a pobre mãe debulhada em lagrimas, onde estavam os morreríamos de fome

— O bom frade abaixou a cabeça, e o sentimento da sua miseria, cerrou-lhe dolorosamente a alma. Tendo feito voto de pobreza, elle nada podia possuir do que sua familia lhe possede dar, e quanto ás esmolas de que elle se encarregava, por abundantes que fossem, até o ultimo centil tudo pertencia á comunidade.

(Continúa)

ás mãos de seu ciumento amante. Já se-vé enfim que foi o mesmo que obrigou a esse homem malvado a deixar o Rio de Janeiro, a escrever uma carta a sua mulher noticiando-lhe isto mesmo; e que foi elle quem ensaiou o escravo para que dicesse a sua senhora, que a pessoa, que a soccorrera fóra elle escravo!...

O primeiro amante pois desta mulher carregada de crimés, era Florindo...

— Ah! basta...

— Ainda não. O segundo, Marcos, o escravo João; ella, Laura...

— Ah!.. E o marido?... Exclamou o caçador como ferido de um raio!

O doctor continuou friamente:

— E' aquelle que alli está...

Ao mesmo tempo o homem, que estava á porta, deixando cahir o seu capote e chapéu, arrancando sua cabelleira, grisalhas barbas e parece da face, mostrou-se como quem era; Laura encara-o, e solta um grito:

— Que vejo!..

— O homem a quem duas vezes assassinatei; teu marido, o — Filho do Pescador ..

Pelo que lemos no *Conselheiro das Damas*, a grande cantora Mme. Piccolomini publicou em Paris um poema, do qual a redacção, ou antes a redactora d'esse jornal, extrahio as seguintes:

PRECIOSIDADES.

Quem acredita na Omnipotencia de Deos, não teme o poder dos homens.

Possue uma alma vil aquelle que, desejo de uma louca liberdade sacode o benéfico jugo paternal, além de cobrir-se de um eterno opprobrio á face do mundo.

O amor da patria como o amor dos pais, tem seus direitos. Não ha animal, por mais feroz que seja, que não goste de seu ninho.

Quem vá em soccorra de sua patria em perigo, expondo a vida, não faz mais do que pagar os beneficios que della recebeu.

Quem tem um bom coração, não precisa do vil artificio da mentira.

O merito e o orgulho não se confundem.

A serenidade do semblante é o melhor espelho da grandeza d'alma.

A virtude acha sempre a recompensa em si mesma.

A melhor das acções perde de seu merito sendo apregoadá.

A exprobação de um favor é uma offensa.

E' justo que se tenha vergonha de commetter um acto máo, mas não de repará-lo.

Seria muito desgraçado o homem, repleto d'alegria, se não tivesse alguem que compartilhasse seus prazeres.

Se aspiras ao nome de sabio, faze com

CAPITULO XVIII.

A ELLE DEVO TODOS OS MEUS MALES!

Uma inesperada desgraça no momento em que esperavamos uma grande ventura, fóra uma dolorosa memoria a respeito do nosso passado; uma angustia mortal em nosso presente, e um sentimento desesperado para o nosso futuro! A desgraça tem direito ás nossas lagrimas, á miseria, á nossa compaixão; o crime, porém, a ambas, e o rigor das leis; todavia nunca ao nosso odio.

Si o vosso coração arfou com o peso de demasiado horror, tendo ante os vossos olhos um ente tão criminoso, como a desventurada Laura, eu sinto ter-vos deste modo molestado; mas pondo debaixo de vossas vistas todos os seus crimes, o fio de minha historia debería levar-vos a essas consequencias, que ha muito devieis ter infallivelmente aguardado.

Si eu soubesse uma historia de sangue, de mortes, de horrores, e enfim de toda sorte de crimes, onde a innocencia succumbisse ao peso dos alheios crimes, certo eu me-

que a razão, e não a moda, seja a regra de seus pensamentos.

Tanto mais moderados são os nossos prazeres, quanto maiores são os gozos da nossa alma.

Uma alegria fóra de seus limites é, quasi sempre, origem de grandes pesares.

Um prazer continuo, deixa de ser prazer.

O que é agradável na idade da juventude, quasi sempre é desagradável na idade madura.

O jogo não é um prazer, é um divertimento criminoso, sobre tudo quando é acompanhado da vil interesse do ganho.

Trad.—P. B.

AS NYMPHAS DA NOITE.

CONTO PHANTASTICO.

I

O que vou dizer-vos é a historia das fraquezas humanas á a historia das cousas d'este mundo...

Sobre os muros de uma velha igreja, um pintor figurou a dansa macabra, a dansa dos mortos...

Ambréas Forearini ia á noite vagar sob as abobadas desertas da basilica, demorando-se horas esquecidas na contemplação d'aquelle lugubre quadro.

Andreas era poeta e, como tal, sua imaginação era fraca, ou antes tão ardente que tornava-se fraca.

A' força de encarar, de fixar sua vista sobre as diversas figuras desenhadas no quadro, imaginou que ellas se moviam, que caminhavam, que cantavam extranhas coplas, incompreensíveis, atterradoras.

E Andreas a si mesmo perguntava para onde esses vultos caminhavam, porque assim cantavam, e porque pareciam-lhe ás vezes estender os braços, como que convidando-o para sua mysteriosa festa.

guardaria bem de vol-a contar, amando mais tal-a sepultada em meu coração, do que saber que um malvado exultava lendo uma historia em que se visse o triumpho do crime! E' verdade que algumas vezes isto se tem visto: mas quem em seus designios poderá assoberbar a incompreensibilidade da Divina Justiça!

E' dos máos que Deos lança mão para a sublime provação dos bons: os máos, pois, são o instrumento da Justiça Eterna sobre a terra!

Laura mereca a punição de seus crimes; e si quereis odiá-a mesmo; mas eu vos-rogo que ante; vos-compadeçais della!

Durante quasi as ultimas palavras do doctor Synval, Laura, gelada de terror e de surpresa, nem já o mais leve som articular podia. Vós estareis lembrados das ultimas palavras de Augusto dando-se a conhecer a Laura, esse raio desfeixado sobre o seu coração já tão abatido nessa mais terrivel tempestade de sua vida!..

(Continúa.)

Quanto mais elle se deixava preoccupar com a solução do seu problema, mais o seu cerebro vacillava; de modo que suas contempções por uma transição lenta, gradual, transformavam-se em sonhos, esses sonhos tornavam-se uma idéa fixa, e esta idéa fixa uma loucura.

A ultima vez que Andreas sahio daquellas santas ruínas estava louco.

II.

Não muito longe da aldeia em que habitava Forcarini, erguia-se uma pequena casa que, vista de certa distancia, parecia pintada de verde e branco, tão bem engraçada estava de flores e tão bem cercada de arvores e de verde gramma.

William, o velho, o sabio, alli residia e fazia daquella casa uma morada inacessível.

Elle nutria tambem uma idéa fixa, e para ellaborar-a necessitava do isolamento e da solidão.

O que o preoccupava não era a indagação da quadratura do circulo, nem a pedra philosophal, nem o elixir da vida; estas chimeras eram indignas de sua elevada intelligencia.

Se pretendidos sabios sacrificaram a taes objectos seus dias e suas fortunas, com isso pouco se importava; se alguma vez aproveitava-se de algum de seus principios não era isto motivo para partilhar os seus erros.

O trabalho a que William se entregava era muito mais simples e tambem mais sensato.

Tratava-se de descobrir o vegetal que d'esse áquelle que o possuísse o dom de satisfazer a todos os seus desejos; uma planta como a madragora de Carlos Nodier.

William pedia pois aos seus livros, ao seu hortelão, aos campos e as florestas a herva que dá o poder á vontade e a realidade aos desejos.

Por muito tempo os livros, o hortelão e as florestas conservaram-se mudos; porem William era teimoso, não desanimou.

Consultou João von-Bremen, Matheus van den Eud, Plinio, Versalis, Paganini, Esna, Jeronymo, todos estos sabios e eruditos, que pela maior parte dormem tão socoados no esquecimento, que o mais versado bibliophilo de nossos dias, si se perguntasse, não saberia dizer se algum dia realmente existiram.

Seus trabalhos foram afinal coroados de feliz resultado, e elle pode repetir a famosa exclamação de Archimedes: *Eureka! Eureka!*

Com effeito elle encontrou, não, como o architecto de Siracusa, a solução de um problema de arcometria, porem o magico philtro, que até então havia escapado ás suas investigações.

Sublime triumpho da sciencia e da vontade! Um simples mortal acha-se elevado ao grau de providencia; d'ora em diante poderá crear, destruir, castigar, recompensar a seu bel prazer, quando julgar que deva fazel-o!...

Vanitas vanitatum, omnia vanitas!

O contentamento de William foi de curta duração; uma reflexão sinistra veio roubar-lhe o encanto.

A planta que formava a base de seu philtro era o sconto, e o aconito sendo venenoso, o velho não podia fazer a experiencia de sua heberagem sem expor-se a uma morte provavel.

Antes de conquistar-se a omnipotencia, devia affrontar a morte.

Foi amarga a sua decepção.

Como pôde elle esquecer-se que n'esto mundo ninguém pode vencer, sem haver combatido e muito.

III

Andreas Forcarini vagava pelos campos, correndo em seguimento de um ponto imaginario que a si mesmo havia proposto.

Um dia encontrou William melancolico e taciturno, porque tendo perdido suas illusões, tudo julgou ter perdido.

Entretanto sua brilhante intelligencia conservava-se ainda intacta; e a presença de Andreas foi para elle como que um traço luminoso que deixou-lhe entrever a possibilidade de sahir-se victorioso da luta que contra o destino travava.

Este homem, pensou elle observando Forcarini, é um ente inutil sobre a terra; o lame sagr do que esclarecia a sua razão acha-se extinto; elle já não vive, vegeta, e pois façamos a experiencia de minha descoberta: si succumbir caber-me-ha o merito de haver abreviado os seus padecimentos; se pelo contrario sobreviver, o meu poder por isso não será menor. Um triumpho partilhado é sempre um triumpho.

—Mancebo, continuou elle approximando-se de Andreas, queres ser igual a Deos? queres que os teus desejos sejam infallivelmente realisados? queres ser mais temivel que todos os monarchas do universo?

—Sim, respondeu Forcarini.

—Então segue-me.

E Andreas seguiu o velho com a machinal docilidade de uma criança.

William depois do havelo introduzido em sua casa apresentou-lhe um copo onde se achava a maravilhosa beberagem, dizendo:

—Bebe!

—Obrigado! murmurou Andreas, de um só traço sorvendo o conteúdo do copo.

Já William o tinha transportado para um paiz desconhecido e seus labios conservavam-se ainda humedecidos por aquella bebida....

(Continua.)

Amor e pezar.

Quem ha por esse mundo que não tenha experimentado uma só hora em sua vida a força desse principio magnetico, que une dous corações só pela influencia de um olhar mais expressivo?

Quem ha por esse mundo, que depondo em sua frente a grinalda dos dezoto annos, não sentirá sua alma, ou transportada ao Eden da verdadeira felicidade, ou arrebatada nas azas de um pensamento amoroso?

Quem ha, finalmente, que tão calmo possa analysar um a um todos esses encantos, que seduzem, embriagam e matam, debuxados nas feições de uma mulher bella?

Corações empedernidos pelo gelo do scepticismo, responderão uns; corações que praticamente conheceram a desgraça debaixo desses angelicos semblantes, responderão outros. Mas eu affirmo que

nem aquelle nem este cantaram victoria certa; elles conheceram a influencia desse principio universal, depuzeram diante de seus idolos essas palavras cheias de amor e de ternura, que brandamente agitam os corações, e infelizes em suas manifestações, abandonaram as suas bandeiras, e tratam hoje com feroz desprezo aquillo que ainda hontem constituia a causa directa do seu maior desusocego.

Não é no coração dessas entidades vis e indifferentes, que eu te quero imaginar, porém no daquelles que conhecem o verdadeiro amor, desde a idade dourada da vida até o occaso da existencia: no daquelles que lutaram por muito tempo com o destino, que sujeitos aos caprichos da sorte, disputaram palmo a palmo a estrada da felicidade, e que hoje gozando desses infaveis prazeres ligados ao amor, bendizem a sua constancia, e só a ella attribuem a felicidade e o paraizo de sua maior ventura!

Sim! são esses os mais competentes para definiem-n'o, para explicarem de um modo conveniente esse sentimento infavel e sublime, que ora humilhado e abatido apparece diante da estrella que lhe aviventa; ora exaltado, allivo e sublime, ostenta todo o imperio do seu poder diante do archetypo de seus sonhos!

Mas quando depois de tantos prazeres, de tantas alegrias passadas, a nuvem do infortunio, pejada de tormentos, perturba o horizonte e enlucta seus dias, quando apoz tantos risos e venturas os olhos tristes representam o infortunio debaixo do sulco de uma lagrima, então são perdidas e rojadas por terra todas as suas aspirações, porque o tufão da contrariedade, rijo e forte, sopra e abate a fôr que acariciava; o futuro é transformado, seus olhos choram sobre as cinzas do passado, e a mais pungente saudade dos dias bellos e risonhos se recreia, dominando em seu peito e exercendo nelle toda a sua força, todo o seu magico poder.

E' assim que o soffrimento, trocando em goivos a grinalda de rosas do passado, rouba o brilho de seus olhos, descora-lhe as faces, e solitario na dôr já não acha um lenitivo sequer para essa existencia pesada que supporta, e seus dias passam insentidos e velozes na amputação do tempo.

E' assim que o ente votado a vida pelo verdadeiro amor e felicidade depõe todos os seus sonhos e sorrisos e sofre a mudança diante do phantasma da desgraça. E' tambem assim que o marinheiro na solidão dos mares, contempla o lenho aventureiro em arvore secca, exposto ao ludibrio das vagas e ao escarneo dos tufões.

Agosto de 1859.

R. Luz.

Soneto.

O. D. C.

Á SENTIDÍSSIMA MORTE DE
ANNA HENDES FORTUNA

Triste é o pranto derramado
Pela amiga que deixa de existir;
E' dôr que se não pode definir
A perda de um ente idolatrado.

A amiga, os irmãos, o esposo amado
E os cáros filhos não cessam de carpir
Por aquella que soube conseguir
Um amor sem limite, e devotado.

Morreu uma esposa virtuosa,
Uma irmã, um modelo de bondade,
Uma mãe em extremo carinhosa.

E onde habitas, junto á Deos, na eternidade
Recebe de uma amiga essa extremosa
Prova ingenua de amor e de amizade

Por sua extremosa amiga

Guilhermina Rosa da Silva.

A voz della.

A LLMA. EXMA. SNRA. D.

C. J. DA S. M.

Ouvi... era noite, já tudo dormia,
A voz de uma virgem,
De um anjo de Amor,
Ouvi essa voz, essa pura harmonia
Qual hymno do Céu
Entoado ao Senhor!..

Donzella, eu ouvi tua voz sonora,
Qual canto celeste,
Dos labios partir:
Predeu-me donzella, essa voz tão chorosa
Que mais eu não pude,
Não pude fugir!

Senti partir de meu corpo minh'alma,
Deixando-o sozinho
Na terra carpir;
Deixando meu peito cansado sem calma
Da tyra fazendo
As cordas tinir.

E-se anjo era uma casta donzella,
De labios rosados,
Da côr do nacar;
Era uma virgem esboçada na tolla,
De negros cabellos
Da côr de ambar.

Tangendo na lyra seu canto seguia,
E sons modulava
Capaz de matar;
E a voz maviosa roubou-me a alegria,
Roubou-me, que sinto
O peito estalar.

Fallava a donzella, que voz mavioza,
Dos labios partia
Fallando de Amor;
Fallava a donzella, e a voz sonora,
Morria nos labios
De seu trovador!..

Subiu sua voz, seu canto divino,
Direito para o Céu,
Mansão do Senhor,
Deixando lembranças saudosas do hymno,
Que triste entendeu
Seu pobre cantor,

JOÃO BARBOSA RODRIGUES JUNIOR.

OS GRANDES.

Um grande, quando digno desse nome,
nunca ostenta uma altivez humilhante, que
é o arremedo da dignidade; nem usa do
imponente fausto, ridiculo fantasma da gloria,
o que arruina a alta nobreza pelo con-
tagio do máo exemplo e da emulação da
 vaidade. Aos olhos do povo, assim como
aos do sabio, e ainda mesmo aos dos ambi-
ciosos elle não poderá deixar de mostrar se,
assim procedendo, indigno de louvor; se o
precedo o respeito ou o circula a veneração,
 embora se orgulhe com elles, na externa
 importância se concentra toda sua pompa
 e gloria!

E não será isto manifestar uma pobre
idea da grandeza?!

Aquelle que tiver o verdadeiro e nobre
sentimento della temerá de certo envilecê-la
com tão fracas demonstrações!..

Comtudo, quem, d'entre os nobres da
nossa época, desejaria ser surpreendido
como Fabricio, o modesto general romano
(quando procurado pelos embaixadores de
Pyrrho), a cozinhar os seus legumes?!!

MARMONTEL.

L. M. do Couto—Trad.

SONETO CHARADA.

Eu pudera ser má, não fiquei sendo
Porque emfim uma perna me safaram,.. 1
E em partes tão subltis me separaram,
Que n'um sopro qualquer as vai movendo. 1

Quanto ao poder, é tal, tão estupeado
Que até os homens sempre o respeitaram;
Já que os dotes reaes se me agregaram,
Tudo o que vive encara-me tremendo... 2

Mas o que é singular na minha historia,
E' que tres sólos vi d'agua cercados,
Dignos porisso do eternal memoria.

No primeiro nasci: vi limitados
No segundo os signaes da minha gloria,
E no terceiro os dias acabados.

—A decifração do metagramma publi-
cado no n. anterior é Cabana o Catana.

O Dr. Carlos Antonio Cordeiro

Defensor dos presos pobres, mudou a sua
residencia e escriptorio de advocacia para
rua do Conde n. 36.

Falla a qualquer hora do dia.

O Espelho.

REVISTA SEMANAL DE MODAS,
LITTERATURA, INDUSTRIA E ARTES.

O 1.º n. será publicado domingo, 4 de Se-
embro.

O Espelho terá de 12 a 16 paginas de
composição, no formato do antigo Guanaba-
ra, com a differença unica de serem as pa-
ginas em duas columnas.

A capa alem de conter o que é de cos-
tume nos periodicos publicados em brochura,
constará tambem de—anuncio, tanto
da redacção, como dos subscriptores e mais
pessoas que o quizerem pagar á razão do que
for convencionado por linha.

Assignatura, por seis mezes..... 6\$000.
Por anno..... 10\$000.

Na praça da Constituição n. 64, typogra-
phia desta officina, onde é impresso.

LIBRETOS

que se vendem avulsos, a 1\$000 rs. cada
um, e, juntos, com grande abatimento na

LOJA DE PAULA BRITO

64 — Praça da Constituição — 64

Operas Italianas.

Rigoletto.	D. Sebastião em Afri- ca.
Martyrs.	Maria de Rudens.
Muysés no Egypto.	Lucia de Lammer- moor.
Anna Laprio.	Roberto do Diabo.
Maria Padilla.	Marino Faliero.
D. Pascoal.	Fidanzata Corsa.
Templarios.	Vestal.
Rainha de Chypre.	Leonor.
Puritanos.	Bravo de Veneza.
Norma.	Méropé.
Salteadores.	Luiza Miller.
Horacios e Curia- cios.	

No prelo:

Traviata (nova e melhor edição correctã),
Lombardos.

Operas nacionaes.

Maria de Itamaracá (original pelo Sr. Dr.
De-Simoni), Volta da Columella (traduzido
pelo mesmo Sr.), Prestigio da Lei (original,
pelo Sur. Porta-Alegre.

Resumos:

Barbeiro de Sevilha, Sonnambula e a
Filha do Regimento.

Os Lombardos

Sem libretto não ha opera que agrade;
isto é tão verdade, que, mesmo na Italia,
os libretos são impressos, para que as operas
sejam comprehendidas.

Ora, se escriptas na propria lingua, os
Italianos não apreciam suas operas sem o
libretto, como não será elle indispensavel
a nós que as ouvimos sem as entendermos?

Isto é de primeira intuição.

Comprei, por tanto, os Lombardos, se
quereis apreciar essa composição divina na
noite de 4 do corrente.

Não dizemos isto como mera especula-
ção de editor, não; dizemol-o por que
é verdade, porque é preciso que o nosso
publico comprehendã que elle não é mais
atulado do que o publico europeu, que
de todas as operas, que vão á scena nunca
dispensa o libretto.

Dez tostões não é tambem quantia que
faça falta á algibeira dos apreciadores do
bello e do sublime no nosso theatro lyrico.

Typographia de Paula Brito
64 — Praça da Constituição — 64